

1 INTRODUÇÃO

O cotidiano das escolas brasileiras de Ensino Médio tem sido palco de diversos conflitos entre os estudantes e entre estes e seus professores. O momento de vida dos educandos, por estarem passando pela adolescência, caracteriza-se pela presença de muitas dúvidas e “certezas”. O mundo adulto é alvo de questionamentos e a presença de regras e normas provoca, em geral, reações de desconforto e desobediência. Este também é o momento de construção e afirmação da própria identidade e da identidade do grupo de pertencimento, o que pode dificultar o reconhecimento e respeito pelas diferenças que se apresentam tanto na sociedade quanto no ambiente escolar. Os valores e crenças adquiridos no ambiente familiar são colocados em dúvida e precisam ser reafirmados, ou quando não, substituídos por outros para que o/a adolescente se torne um adulto com princípios que orientem suas ações e relações interpessoais.

Em decorrência dessa dificuldade de convivência com a diferença, a escola tem sido chamada a ampliar seu papel, para além do desenvolvimento intelectual de seus educandos. Precisa se tornar um espaço em que os valores e crenças dos jovens sejam mais discutidos e criticados coletivamente.

Esta contribuição, que acreditamos ser também papel da escola, em muito contribuirá para uma formação cidadã plena, como proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Acredito que não se poderia falar de cidadania quando não se tem acesso a princípios básicos de convivência. Neste sentido, contribuir para a formação moral das crianças e adolescentes, no espaço escolar, não deveria ser encarado como uma tarefa a mais, relegada apenas aos orientadores educacionais, mas como papel e compromisso de todos os profissionais envolvidos na educação escolar.

Segundo a LDB 9394, em seu art. 35, os professores e professoras devem ter o compromisso com “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1999, p.46). As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio apontam para a atuação da escola “no *combate a todas as formas de preconceito e discriminação* por motivo de raça, sexo, religião, cultura, condição econômica, aparência ou condição física” (Idem, p.77, grifos no

original). A LDB, as DCNEM e os Parâmetros Curriculares Nacionais também fazem referência explícita ao papel da escola na formação ética de seus educandos e educandas, e em especial no que alude à convivência com as diferenças, cabendo aos profissionais da educação a responsabilidade pelas intervenções pedagógicas que contribuam para uma reflexão ética e educação moral.

Trias (2000) afirma que a identidade é construída dentro de uma comunidade de costumes e de narrativas comuns, as quais estão inseridas em um mundo global, que, em vários momentos, nega esses costumes e propõe outras narrativas. Isto faz com que cada sujeito em seu processo de individuação procure negar outras comunidades, desconsiderando que nestas também há outros sujeitos na luta para construir e manter suas identidades.

O que distingue nossa humanidade é a possibilidade e a inevitabilidade de sermos diversos. Esse paradoxo – sendo diferentes somos humanos – é o que nos caracteriza e, ao mesmo tempo, pode dificultar nossa convivência. A impossibilidade de solucionar o paradoxo de nossa constituição enquanto seres humanos é nosso maior problema. Como articular o que é comum a todas as civilizações, se este comum é sua própria diversidade cultural? Devido a essa dificuldade, são muitos os exemplos de momentos da história da humanidade (Alemanha, 1933/45; Indonésia, 1965; Burundi, 1972; Camboja, 1975/79; Ex-Iugoslávia, 1991/96; Ruanda, 1994) em que, objetivando eliminar a diferença, alguns grupos se colocaram na posição de possuidores da “Identidade Humana”, outorgando-se a missão de “converter os diferentes” a seu grupo cultural, quando não, eliminando-os.

Uma possível saída, segundo Trias (2000), para a constituição de identidades culturais que não neguem a diversidade para se auto-estabelecer, baseia-se em uma postura ética que consiga reconhecer a igualdade e a dignidade de todas as culturas que a humanidade produz em sua estada nas diversas partes do globo.

1.1

A pesquisa: suas questões e objetivos

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa desenvolvida com estudantes de uma escola de Ensino Médio da Cidade do Rio de Janeiro, que objetivou analisar como esses jovens concebem e lidam com os dilemas morais referentes a preconceito e discriminação no ambiente escolar. Este trabalho foi motivado pela constatação da existência de muitas relações conflitivas em seu cotidiano, causadas, em grande parte, pela falta de reconhecimento e respeito às diferenças interpessoais, bem como, pelos limites na formação docente para lidar com esses conflitos. Essa realidade motivou a necessidade de se compreender como pensam e que valores fundamentam as ações dos jovens e adolescentes que estão cursando o ensino médio, quando são confrontados com as diferentes “gramáticas” (SAFFIOTI, 1997) da diversidade (etnia, gênero, orientação sexual, geracional, de origem social, entre outras). Creio que uma maior compreensão do pensamento, ações e reações dos jovens estudantes em muito contribuiria para orientar professores, orientadores e coordenadores no planejamento de suas intervenções objetivando a construção e reconstrução da moralidade e de posturas de respeito pela alteridade por seus jovens educandos.

Tal investigação está inserida no projeto de pesquisa institucional “Diversidade Cultural, Prática Pedagógica e Mínimos Éticos” (2008-2010), que vem sendo desenvolvido pela linha de pesquisa “Ética Intercultural e Prática Pedagógica”, do Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas (GECEC), do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio, sob coordenação do Prof. Marcelo Andrade. Esta inserção em um projeto de pesquisa mais amplo possibilitou a utilização dos dados do campo colhidos e analisados pela equipe de pesquisa, bem como confrontar a análise específica de meu interesse de investigação com as interpretações dos outros pesquisadores.

Comprendemos que no cotidiano escolar, as interações entre os educandos e entre estes e seus professores, ocorrem por intermédio de discursos, pelos quais diversas idéias, valores e visões de mundo são expostos e confrontados. Os conflitos que surgem, são “solucionados” de diversas formas. Dentre elas, encontramos a violência, tanto física como verbal, como também o diálogo. A discussão em busca de soluções do que denominamos dilemas morais, ocorre todo o tempo, mesmo que de forma não consciente e implícita, entre os

adolescentes, jovens e adultos que convivem no ambiente escolar. Nesta perspectiva, o que nos interessa analisar são as buscas de soluções dialogadas para estes dilemas, as quais se baseiam na apresentação e apreciação de argumentos, que, por sua vez, se fundamentam nos valores que cada sujeito tem construído ou está em processo de construção.

A partir de minha experiência como professor e como coordenador pedagógico, posso afirmar que, em nossas escolas de Ensino Médio, ocorrem muitas situações de conflito entre educandos e entre estes e seus professores. Por um lado, acredito que os conflitos são inerentes às relações interpessoais. No entanto, pretendo dirigir minha atenção aos modos utilizados no ambiente escolar na busca de possíveis soluções para as divergências que aparecem.

Soluções de conflitos exigem reflexão e discussão de crenças e valores, os quais fundamentam nosso modo de pensar e agir. Para que se compreendam alguns dos motivos das dificuldades encontradas nas escolas, no que se refere à difícil convivência e à dificuldade de se enfrentar eticamente os conflitos inerentes a essa coexistência, é imperativo que se entenda como os jovens estudantes pensam e que valores movem suas ações.

Para avançar nessa compreensão uma questão central orientou o percurso da pesquisa:

- Como os jovens e adolescentes resolvem dilemas morais relacionados à diferença dentro do contexto escolar? E o que as soluções propostas revelam sobre a formação moral desses sujeitos?

Nesta questão central, estão implícitas outras que mereceram um aprofundamento para uma melhor análise do problema a ser investigado:

- O que são dilemas morais? E o que os caracteriza como tais?
- Como os estudantes compreendem a postura dos adultos (professores, coordenadores, funcionários) diante destes dilemas?
- Qual a relação entre as regras explícitas no ambiente escolar e os dilemas morais referentes à justiça e à diversidade?
- Qual o grau de importância que os jovens e adolescentes atribuem a esses dilemas?

Considerando as questões que instigaram e orientaram o trajeto da pesquisa, foram propostos os seguintes objetivos:

- i. Caracterizar os dilemas morais através dos referenciais teóricos da ética do discurso (Habermas) e dos estágios de desenvolvimento moral (Kohlberg);
- ii. Investigar e aprofundar o processo de aprendizagem de atitudes e valores, a partir do pensamento Jürgen Habermas e Lawrence Kohlberg;
- iii. Identificar alguns dilemas morais presentes no cotidiano escolar, relacionados à diversidade, tal como trabalhado pela linha de pesquisa “Ética Intercultural e Prática Pedagógica”, do GECEC (Grupo de Estudo sobre Cotidiano, Educação e Culturas), do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio;
- iv. Apresentar uma reflexão sobre a resolução de alguns dilemas morais aplicados junto a estudantes de uma escola de Ensino Médio da Cidade do Rio de Janeiro, a partir dos dados que vêm sendo levantados pelo GECEC, sob coordenação do Prof. Marcelo Andrade, no projeto de pesquisa institucional supra citado.

1.2

Procedimento Metodológico

A investigação a que me propus se efetuou através de um diálogo entre a filosofia, a psicologia do desenvolvimento e o cotidiano escolar, levando em conta a complexidade do problema enfrentado. Para responder aos diferentes aspectos do problema proposto, algumas estratégias foram privilegiadas:

1.2.1

Revisão bibliográfica:

Nesta etapa foi realizado um aprofundamento do referencial teórico a partir das obras “Consciência Moral e Agir Comunicativo”, “Comentários à Ética do Discurso” e “Verdade e Justificação” de Jürgen Habermas, e de “Psicología del Desarrollo Moral” de Lawrence Kohlberg. Objetivando um olhar crítico sobre o pensamento dos autores que orientaram teoricamente o estudo, procedi, também, ao exame das reflexões de Charles Taylor e suas críticas ao pensamento habermasiano em “As Fontes do Self”, e das idéias presentes em “Teoria

Psicológica e Desenvolvimento da Mulher” de Carol Gilligan, onde a autora apresenta algumas críticas a Kohlberg.

Foi realizada, igualmente, uma revisão de artigos que atenderam às seguintes categorias temáticas e/ou de análise: (1) Ética e Educação, (2) Educação Moral e (3) Desenvolvimento Moral, priorizando as principais revistas da área da educação: (1) *Educação e Sociedade*, (2) *Revista Brasileira de Educação*, (3) *Educação e Pesquisa* e (4) *Cadernos de Pesquisa*, privilegiando a produção situada entre os anos de 2000 e 2009. Do mesmo modo foi feito um levantamento da produção dos GTs de Filosofia da Educação (GT17) e Psicologia da Educação (GT20) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPEd), como também no banco de teses e dissertações do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), privilegiando as mesmas categorias temáticas e o mesmo período de tempo.

Reconhecendo os possíveis limites em relação aos objetivos e à amplitude do diálogo com outras pesquisas e teorizações realizadas em outros países, a revisão se limitou aos periódicos e instituições nacionais em função das restrições impostas pela própria pesquisa, bem como pelo reconhecimento do mérito da pesquisa em educação brasileira. Em que pese o valor da produção internacional sobre tais temáticas, esta pesquisa visou responder a algumas demandas e problemáticas que têm especificidades no cotidiano brasileiro. Neste sentido, considere que as produções nacional e internacional veiculadas nas revistas brasileiras deveriam ter um espaço privilegiado na análise.

A revisão levada a cabo contribuiu, concordando com Alves (1994), com uma visão mais clara do caminho a percorrer, iluminando tanto a análise do referencial teórico privilegiado como a contextualização do problema de pesquisa dentro de nossa área de estudo.

1.2.2

Coleta dos dados realizada pela pesquisa institucional “Diversidade Cultural, Prática Pedagógica e Mínimos Éticos” (PUC-Rio):

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa está inserida em uma investigação mais ampla, que conta com a presença e o trabalho de outros pesquisadores. A coleta de dados se efetuou em duas etapas, das quais participei em seu planejamento e execução.

A primeira etapa consistiu da observação do campo de pesquisa, a saber, uma escola pública de ensino médio localizada na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro, cuja clientela pertence às classes populares das comunidades do entorno e de alguns bairros mais distantes, nomeada aqui Colégio Guarani. Sua descrição foi elaborada coletivamente pelo grupo em momentos de muita partilha e discussão das observações e impressões dos espaços coletivos (corredores, pátio e quadra de esportes) e será apresentada mais adiante em um tópico específico.

Este primeiro momento teve como objetivo conhecer, mesmo que preliminarmente o campo de pesquisa e levantar as primeiras impressões sobre seu cotidiano. Não se pode deixar de dar atenção, contudo, para a advertência de Tura (2003) segundo a qual, já neste momento inicial o pesquisador encontra-se diante de uma interpretação parcial, guiada pelos pressupostos teóricos e metodológicos que orientam seu estudo. Tínhamos como foco principal o comportamento e relacionamento dos estudantes nos momentos de intervalo e lazer no pátio da escola, a partir dos quais construímos algumas categorias que nos orientaram a interpretar suas idéias e opiniões expressas na próxima etapa, a saber, os grupos focais.

A segunda etapa do levantamento dos dados foi a realização de grupos focais, que discutiram a resolução de dilemas morais, previamente elaborados. Os dilemas trataram de conflitos envolvendo questões de justiça, dignidade humana, preconceito e discriminação referentes às características de gênero, etnia e orientação sexual (anexos II, III, IV e V). Foram realizados quatro encontros com um grupo de estudantes que se voluntariaram para a pesquisa. Cada encontro foi coordenado por um elemento da equipe de pesquisa e acompanhado por parte da equipe, que cumpria o papel de observar e realizar anotações para posterior discussão nas reuniões de pesquisa.

Os encontros para a realização dos grupos focais ocorreram nas dependências do Colégio Guarani e foram, do mesmo modo, efetivados coletivamente, sob a coordenação do Prof. Marcelo Andrade, sempre intermediados por dois pesquisadores do grupo de pesquisa. A discussão foi registrada em áudio por quatro gravadores e tiveram a duração média de 60 minutos. Ao todo, participaram 14 estudantes, sendo oito rapazes e seis moças. No que se refere à idade e a série quatro dos entrevistados estavam com 16 anos, cinco com 17, e cinco com 18 anos; um cursando o primeiro ano do Ensino

Médio, quatro o segundo ano e nove o terceiro (anexo VI). As transcrições dos áudios foram feitas pelos bolsistas de Iniciação Científica e revisadas por outros membros da equipe. É importante observar que devido à acústica do local onde se realizaram os encontros (a biblioteca do Colégio Guarani), muitas falas estão inaudíveis ou incompreensíveis, o que impôs alguns limites à sua transcrição, interpretação e análise.

Os participantes foram recrutados através de convite aberto a todos os alunos dos turnos da manhã e tarde. Neste sentido, participaram aqueles que se voluntariaram. Foram feitas inscrições prévias aos encontros, entretanto alguns foram sendo incluídos durante o processo, convidados por colegas que já haviam participado de um ou dois encontros.

É importante destacar o grau de descontração e entrosamento entre os informantes e a equipe de pesquisa, bem como a disposição e disponibilidade dos estudantes para participar das discussões. Cabe ressaltar ainda, o que para o presente estudo possui grande relevância, a postura de respeito pelas posições e opiniões divergentes que surgiram durante todas as discussões.

O grupo focal, segundo Gatti (2005) e Barbour (2009), é uma técnica de pesquisa em que se observa a discussão e interação entre indivíduos, que podem ser pertencentes a um mesmo grupo (estudantes de uma mesma escola, funcionários de determinada empresa, mulheres vítimas de violência etc), ou que não possuam características comuns, sobre uma determinada situação ou problema que tenha alguma relação com sua vivência. Nesta pesquisa, em particular, os participantes eram todos estudantes de uma escola pública de ensino médio, portanto com características como momento de vida e origem social semelhantes.

É importante enfatizar que o olhar do pesquisador, no trabalho com grupo focal, dirige-se ao modo como os participantes interagem entre si durante o processo de discussão, construindo consensos e dissensos, sem que se privilegie o resultado do diálogo, mas o processo e as reações provocadas em cada um dos envolvidos.

Diferentemente da entrevista, o grupo focal possibilita que os participantes tenham uma interação na qual os pontos de vista sejam explicitados, críticas sejam feitas e perspectivas sejam abertas diante da problemática proposta para a discussão (GATTI, 2005). Segundo a perspectiva dos grupos focais, a

centralidade da análise do pesquisador deve estar na interação entre os participantes do grupo, que explicita não apenas como cada um pensa, mas no porquê de suas concepções. Neste sentido, o grupo focal se diferencia também da entrevista coletiva, pois o pesquisador não apresenta a mesma questão para cada participante, mas cria condições para que o grupo interaja e construa e reconstrua novos pontos de vista, novas compreensões e críticas frente à problemática discutida.

É importante enfatizar que para os objetivos da pesquisa, o grupo focal é uma estratégia privilegiada, pois além de explicitar as convergências e divergências de modos de pensar, explicita, também, como os participantes reagem e se tratam quando diferentes pontos de vista são confrontados e se exige que sejam apresentados argumentos para justificá-los. Possibilita, ainda, que se conheçam as “representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (GATTI, 2005, p.11).

Como já mencionado, a discussão dos grupos focais girou em torno de dilemas morais envolvendo as temáticas da dignidade humana e práticas de preconceito e discriminação relacionadas às diferenças de identidade de etnia, gênero e orientação sexual.

Cabe esclarecer o que se compreende por dilemas morais, a partir do referencial teórico que orienta o presente estudo. A técnica de discussão de dilemas morais em grupo foi criada por Moshe Blatt, em sua tese de doutorado sob a orientação de Lawrence Kohlberg, na década de 1970 (BIAGGIO, 2002). Esta técnica consiste em provocar conflitos cognitivos a partir do confronto entre opiniões divergentes de participantes de um diálogo sobre situações problemáticas que envolvem diferenças de julgamento moral. Segundo Biaggio (2002), Blatt e Kohlberg visavam, com a utilização dos dilemas, a promoção do desenvolvimento moral, a partir da apresentação e confronto de modos de pensamento pertencentes a diferentes estágios de desenvolvimento em que os participantes se encontram. Desse modo, a criança que se encontrava em um estágio inferior avançava em direção ao seguinte após passar por um conflito cognitivo provocado por uma argumentação mais elaborada, posto que “o raciocínio de estágio superior é assimilado somente se causar conflito cognitivo, isto é, se for discrepante ou introduzir incerteza na decisão moral” (Op. Cit. p. 51).

A partir das experiências de Blatt, Kohlberg e outros colaboradores, a utilização de dilemas morais, sempre com o objetivo de promover o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, difundiu-se e se aperfeiçoou. Segundo Souza (2008), em 1981, Arbutnot e Faust sugeriram algumas orientações básicas para sua aplicação: (1) os grupos devem ser formados por oito a quinze participantes de diferentes estágios de desenvolvimento moral; (2) os dilemas escolhidos visam propiciar o surgimento de conflitos cognitivos; (3) os participantes devem ser orientados quanto ao que será realizado, ao papel do coordenador e da educação moral e sobre as regras de participação; (4) após a apresentação do dilema, deve-se perguntar a cada participante sobre qual solução adotaria e sua justificativa; (5) deve ser garantido que o maior número possível de participantes vivencie o conflito cognitivo; e (6) a discussão deve ser encerrada quando o argumento do estágio mais desenvolvido ou todas as divergências mais importantes tiverem sido discutidas.

Como a presente pesquisa não objetivou o desenvolvimento moral, mas a análise do modo como os estudantes discutem e resolvem dilemas morais, a seleção dos participantes não se orientou por seu nível de desenvolvimento, mas por seu interesse em participar da pesquisa.

Os dilemas continham duas partes, uma inicial, na qual a problemática era apresentada e os participantes convocados a se posicionar, argumentando e contra-argumentando entre si. Depois de constatada a ausência de novos argumentos ou a aproximação de um consenso, a segunda parte do dilema era apresentada. Esta continha informações que tornavam o problema mais complexo e colocavam em xeque algumas das argumentações anteriores ou o possível consenso obtido, sendo novamente os participantes desafiados a reiniciar a discussão. Após a interrupção da discussão de cada uma das partes do dilema, os participantes responderam individualmente, por escrito, a questões que versavam sobre os possíveis posicionamentos que os personagens do dilema deveriam tomar e sobre os sentimentos que poderiam decorrer em função da decisão hipoteticamente tomada. Todo o conteúdo (discussão do grupo, registro dos observadores e as respostas individuais) foi posteriormente transcrito e objeto de discussão e análise coletiva pela equipe de pesquisa e posteriormente estudado a partir do referencial teórico específico desta pesquisa para construir a análise que aqui será apresentada.

Para a apresentação dos argumentos dos/as estudantes, optei por editá-los com o objetivo de facilitar a compreensão dos leitores, bem como a elaboração e exposição da análise, que é feita de forma intercalada com as descrições dos raciocínios e intervenções dos participantes. Alguns dos interlocutores são identificados por seus nomes fictícios e outros, devido à impossibilidade de fazê-lo no áudio, não o são.

Cabe observar que a inserção do pesquisador em todas as etapas da coleta de dados da pesquisa institucional ofereceu importantes referências empíricas de análise, como do grau de receptividade dos jovens à proposta de discussão dos dilemas, bem como as diversas reações comportamentais expressas durante todo o processo.

A partir das transcrições dos diálogos e das análises sobre a resolução de alguns dilemas morais, realizados pela linha de pesquisa “Ética Intercultural e Prática Pedagógica”, do GECEC, o estudo se propôs a explicitar os pressupostos éticos do pensamento moral dos educandos e o nível de desenvolvimento de seu raciocínio moral, partindo do referencial teórico específico para esta pesquisa, a saber: a ética do discurso e a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

Assim, partindo da mesma base de dados trabalhada pela equipe institucional do GECEC, a pesquisa lança um olhar específico a partir do referencial teórico privilegiado, ampliando as análises sobre os dados obtidos pela equipe institucional e qualificando ainda mais o trabalho feito sobre os mesmos. Ao mesmo tempo conta com observações e questionamentos dos membros da equipe de pesquisa, já que este trabalho foi realizado em concomitância com a análise do grupo.

Nesta perspectiva, a análise dos grupos focais seguiu as orientações da pesquisa institucional, diferenciando especificamente o referencial teórico de análise. Tal trabalho visou complementar e enriquecer o trabalho de investigação com referencial teórico, questões e objetivos diferenciados dos privilegiados pela pesquisa institucional, mas partindo dos mesmos dados de pesquisa.

Por fim, é importante enfatizar que o que me proponho analisar, a partir dos referenciais teóricos que orientam o estudo, são os raciocínios desenvolvidos durante as discussões do grupo focal, não o grau de maturidade moral de seus participantes.